

Masculinidades e feminilidades no orkut: quem fala e o que se diz em comunidades de cirurgia plástica

Raquel Pereira Cuadrado¹.
Paula Regina Costa Ribeiro².

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as formações discursivas³ presentes em comunidades da rede social *Orkut* que discutem a temática cirurgia plástica e que possuem homens como donos⁴. Dessa forma, damos prosseguimento aos estudos que temos realizado que buscam investigar as práticas de subjetivação presentes nessa rede social relacionadas às cirurgias plásticas⁵. Para tanto, estamos nos utilizando do campo dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas e de algumas ferramentas foucaultianas, entendendo que vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual assumimos diversas posições de sujeito, como por exemplo, mulher, mãe, esposa, amiga, negra, professora, entre outras.

Essas múltiplas posições encontram-se imbricadas umas às outras e constituem os sujeitos, na medida em que eles são interpelados a partir de diferentes situações, instituições, agrupamentos sociais e interações, e que através de práticas de significação vão constituindo-os, funcionando como um amplo domínio simbólico, no qual e através do qual eles dão sentido às suas vidas, produzindo suas subjetividades (WOODWARD, 2005).

Dentre as diversas práticas de significação que engendram os sujeitos, nesta pesquisa, elegemos a rede social *Orkut* por entendermos que as tecnologias digitais, de modo especial, as redes sociais disponíveis na *internet*, têm se destacado, uma vez que o número de usuários/as dessas tecnologias vem crescendo a cada ano. De acordo com Sibilia (2002), os saberes da tecnociência contemporânea – informática, telecomunicações e biotecnologias – imbricados em relações de poder, vêm contribuindo “fortemente” para fabricar os corpos, os gêneros e as subjetividades do começo deste século. Nesse contexto, cuidar do corpo, mantendo-o bonito, jovem e

Artículo recibido el 10/4/2011, aceptado el 16/8/2011.

¹ Professora Assistente II do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Correo electrónico: raquelquadrado@yahoo.com.br

² Professora Associada II do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Correo electrónico: pribeiro@vetorial.net

³ Estamos entendendo formações discursivas a partir de concepções foucaultianas. Esse conceito será discutido na página 7 deste artigo.

⁴ No *Orkut*, chama-se de dono/a o usuário/a que cria a comunidade, escolhendo o que será postado na sua descrição, a imagem de exibição, a categoria em que esta será enquadrada – Moda e Beleza, Pessoas, Escolas e Cursos, Música, Empresas, Animais e Bichos de Estimação, Saúde, Bem-estar e *Fitness*, entre outras – e os critérios de participação.

⁵ Pesquisa desenvolvida para a produção de tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Associação Ampla FURG-UFRGS-UFSM.

saudável, constitui-se como uma forma de cuidar de si, de modo que cada indivíduo torna-se o gestor do seu próprio corpo e, para isso, pode-se utilizar de diversas técnicas corporais, e, entre elas, as cirurgias plásticas.

O Brasil, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica⁶, ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial de cirurgias plásticas, ficando abaixo apenas do número de cirurgias realizadas nos Estados Unidos. Esses dados indicam que os/as brasileiros/as têm buscado cada vez mais esse tipo de procedimento e, sendo o *Orkut* uma rede social em que se compartilham interesses e informações, inúmeras comunidades são constituídas com o propósito de discutir essa temática. Essas comunidades constituem lugares em que se (re)produzem significados sobre os corpos belos, saudáveis e jovens, em que os usuários/as discutem dúvidas e experiências, buscando a *possibilidade de aprendizagem, entretenimento e comunicação que o Orkut oferece* (COUTO e ROCHA, 2010:12). A partir de comunidades que discutem essa temática, constituímos o *corpus* de análise desta pesquisa.

Na primeira parte deste artigo, trazemos o campo teórico a partir do qual produzimos os nossos estudos e análises, apresentando os pressupostos dos Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como algumas proposições de Michel Foucault. Em seguida, apresentamos o *Orkut* e as comunidades com as quais trabalhamos, o caminho percorrido para a produção dos dados e as análises feitas. Por fim, tecemos algumas considerações sobre os entendimentos que construímos ao longo deste processo de pesquisa.

Masculinities and femininities in Orkut: who talks and what is told in communities of plastic surgery

Abstract.

We live our subjectivity in a social context in which language and culture give meaning to the experience we have of ourselves and where we assume different positions as individuals. These multiple positions are connected with each other and compose us as we become challenged from different situations, institutions, social groupings and interactions, which through meaning-making practices construct us, working as a wide symbolic field, in which and through which we give meaning to our lives, producing our subjectivities. Among the meaning-making practices that are acting in the construction of the subjects, we selected, in this research, the internet, through the *Orkut* social

⁶ Dados acessados a partir do *site* oficial da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, disponível em <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php>. Acesso em 12/10/2010.

network, since the number of users of these technologies is growing every year. Furthermore, the knowledge of contemporary technoscience - IT, telecommunications and biotechnology - imbricated in power relations, have contributed to making bodies and subjectivities of the beginning of this century. In this article, we sought to analyze the discursive formations found in twenty-two communities that address the topic of plastic surgery, presented in this social network, and which have men as its owners. The research is anchored in the Cultural Studies field, in its post-structuralist strands, and also on some tools of Michel Foucault. We analyzed the statements present in selected communities, using as search data some elements from the main interface, such as name, image used for identification, description text that presents the objectives, number of participants, etc.. From our analysis, we considered that the different ways of addressing present in these communities carry statements of some speeches that historically have been linked to hegemonic masculinity and femininity, such as science as a male zone and beauty as a female attribute. These statements create conditions of possibilities for a greater participation of men or women in certain communities, and not others. The *Orkut*, understood as a place that enables learning, entertainment and communication, teaches about bodies and plastic surgery. The data shared in these communities are subjective practices that produce effects on bodies and individuals who interact on them, giving their position.

Keywords: subjectivity; Orkut; plastic surgery

Masculinidades y feminidades en la red Okrut: quién habla y lo que es dicho en comunidades de cirugía plástica.

Resumen.

Vivimos nuestra subjetividad en un contexto social en el que el que la cultura, y con ella el lenguaje como el sistema simbólico más importante, dan significado a la experiencia que tenemos de nosotros mismos y donde asumimos diversas posiciones de sujeto. Esas múltiples posiciones se encuentran superpuestas unas a las otras y nos constituyen, al tiempo en que vamos siendo interpelados desde diferentes situaciones, instituciones, grupos sociales e interacciones, que a través de prácticas de significación nos van constituyendo, funcionando como un amplio dominio simbólico, en el cual y a través del cual damos sentido a nuestras vidas produciendo nuestras subjetividades. Entre las prácticas de significación que actúan en la producción de los sujetos, seleccionamos, para esta investigación, la internet, específicamente la red social *Orkut*, una vez que el número de usuarios/as de esas tecnologías ha crecido significativamente a cada año. Además, los saberes de la tecnociencia contemporánea – informática, telecomunicaciones y biotecnologías – imbricados en relaciones de poder han contribuido en la formación de cuerpos y de las subjetividades desde el comienzo de este siglo. Así, buscamos en este artículo, analizar las formaciones discursivas

existentes en veintidós comunidades que abordan la temática de las cirugías plásticas, existentes en esa red social, y en las que hombres son los dueños. La investigación está fundamentada en el campo teórico de los Estudios Culturales, en sus vertientes post-estructuralistas y, también, en algunas herramientas de la teoría de Michel Foucault. Fueron analizados enunciados presentes en las comunidades elegidas, convirtiéndose como datos de pesquisa algunos elementos presentados en su interfaz principal, como: nombre, imagen usada para identificación, texto de descripción en que se presentan los objetivos, número de participantes, etc. Desde los análisis, consideramos que las diferentes formas de direccionamiento presentes en las comunidades rescatan enunciados de algunos discursos que históricamente han sido vehiculados a las masculinidades y feminidades hegemónicas, tales como la ciencia entendida como un espacio masculino y la belleza como un atributo femenino. Esos enunciados crean condiciones de posibilidades para que una mayor participación de hombres y mujeres se establezca en determinadas comunidades y no en otras. El *Orkut*, entendido como lugar que posibilita aprendizajes, entretenimiento y comunicación, enseña sobre los cuerpos y las cirugías plásticas. Los datos compartidos en las comunidades constituyen prácticas de subjetivación que producen efectos en los cuerpos y en los sujetos que en ellas interactúan, posicionando los mismos.

Palabras clave: subjetividades, redes sociales, cirugía plástica, cuerpo.

Tecendo redes de significados. Os Estudos Culturais e algumas ferramentas foucaultianas

No contexto desta pesquisa, utilizamos contribuições dos Estudos Culturais, na suas vertentes pós-estruturalistas, analisando os fenômenos em sua dimensão cultural.

Os Estudos Culturais constituem um campo de teorização e investigação bastante heterogêneo, de caráter interdisciplinar (ou antidisciplinar), que centra suas análises em fenômenos culturais, ou seja, analisa a dimensão cultural existente nas práticas sociais. Nessa perspectiva de estudos, torna-se importante discutir o conceito de cultura. Segundo Silva, a cultura pode ser compreendida como

forma global de vida ou como experiência vivida de um grupo social [...] campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação (2002:133).

Nesse sentido, a cultura é constituída por uma rede de significados que fazem parte do modo de vida de cada grupo social, definindo como esses grupos devem ser. A cultura é, ao mesmo tempo, determinada pelas instâncias sociais e determinante delas.

Esse campo cultural encontra-se imbricado em relações de poder, pois é nele e através dele que os significados são definidos, marcados e fixados, num jogo através do qual cada grupo tenta impor os seus significados sociais aos demais grupos. Estamos entendendo poder como [...] *um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado* (FOUCAULT, 2004:248). Nesse sentido, o poder não está centrado em um ponto e não é algo que se detém; o poder é difuso, capilar e assimétrico, é algo que se exerce em relação, nas diversas práticas sociais.

Os Estudos Culturais entendem as práticas culturais como produtoras de significados, buscando a desconstrução dos binarismos e das diferenciações entre alta e baixa cultura, ou entre cultura acadêmica e cultura popular. Esse campo de estudos opõe-se às noções elitistas de cultura, em favor de abordagens que a consideram como descrições de modos de vida, articulando produção de significados, constituição de identidades e relações de poder. As análises feitas nesses estudos não têm pretensão de imparcialidade ou neutralidade (SILVA, 2002), ao contrário, são marcadas pela intencionalidade e pela parcialidade, tendo um forte caráter político e social.

Em suas vertentes pós-estruturalistas, os Estudos Culturais preocupam-se com práticas de significação, teorizando sobre a importância da linguagem como processo de significação. Segundo Peters (2000), o pós-estruturalismo é um movimento de pensamento que questiona a constituição do sujeito, percebendo-o em relação com diferentes sistemas e estruturas, e não deve ser usado para dar ideia de singularidade ou homogeneidade. Nesse contexto, os significados não são fixos, nem pré-existent, eles são fluidos, variantes, múltiplos, sendo construídos social e culturalmente e estando diretamente relacionados ao contexto dessa produção. Nessa perspectiva, a linguagem constitui o mundo e os objetos à medida que fala sobre eles. Segundo Hall:

É através do uso que fazemos das coisas e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca destas - como as representamos - que damos significado. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano (1997:3).

Assim, os significados são produzidos e circulam através das práticas sociais, dentro de uma mesma cultura e entre culturas distintas, valendo-se de meios variados que promovem esse intercâmbio, tais como os programas de TV, as músicas, as revistas, os jornais, as comunidades da rede *Orkut*, entre outros. Esses significados regulam nossas práticas e condutas, atuando *na construção da identidade e na delimitação da diferença, na produção e consumo, bem como na regulação das condutas sociais* (Hall, 1997). O autor destaca que dentro de uma mesma cultura os indivíduos partilham códigos culturais, de modo que os significados que atribuem às imagens, sentimentos, expressões corporais, sons, entre outras formas de linguagem são semelhantes. Assim é através da linguagem que os significados são produzidos. Segundo Ogiba, [...] *realidade e homens/mulheres são constituídos/as pela e na linguagem e não o contrário. Por conseguinte, é o lugar no qual o sujeito se constitui e onde deixa as marcas desse processo* (1995:234). Para a autora, a linguagem produz discursos polissêmicos que constituem o social e, uma vez que os sentidos são

socialmente produzidos, eles podem, também, ser ressignificados a partir da linguagem. Dentro de uma mesma cultura, há sempre diferentes discursos circulando, buscando impor seus significados aos demais indivíduos. Esses discursos, articulados às relações de poder, produzem conhecimentos, tipos de pensamentos, regulando, assim, as condutas e posicionando os sujeitos.

Para desenvolvermos este estudo, buscamos algumas contribuições de Michel Foucault. A produção do sujeito é uma das ferramentas que tomamos para pensar esta pesquisa. Ao longo de sua produção, Foucault preocupou-se com a constituição do sujeito, tomando como eixo a questão de Nietzsche: como nos tornamos aquilo que somos? Nessa perspectiva, a ideia de um sujeito transcendental, unificado, autônomo e com uma essência perene não existe; existem, sim, diferentes formas de subjetividade, situadas e contingentes.

Dentre os processos que contribuem para a constituição do sujeito, destacamos os processos de subjetivação⁷, entendidos como [...] *as práticas que, dentro da nossa cultura, fazem do homem um sujeito, ou seja, aquelas que constituem o indivíduo moderno, sendo ele um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como própria* (FONSECA, 2003:25) e que ele reconhece como sua. Entendemos que as narrativas compartilhadas nas comunidades do Orkut constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos na constituição dos sujeitos que nelas interagem.

Nessas comunidades, circulam discursos sobre os corpos e tais discursos produzem formas de ser, padrões de beleza e marcadores identitários, posicionando os sujeitos nos diversos contextos sociais. Assim, o conceito de discurso é outra ferramenta foucaultiana importante para esse estudo. Segundo Foucault

[...] os 'discursos', tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras [...] gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando o próprio discurso vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não regime canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. "As palavras e as coisas" é o título – sério – de um problema; é o título – irônico – do trabalho que lhe modifica a forma, lhe desloca os dados e revela, afinal de contas, uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar coisas. É esse "mais" que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (2008:54-55). [grifos do autor]

Nesse sentido, os discursos sobre os corpos, nas comunidades analisadas, instituem modos de ser e posições de sujeito, nesse tempo, nessa cultura. Ao analisar os dados presentes nas comunidades do Orkut, procuramos esse "mais" de que fala

⁷ Ao discutir a constituição do sujeito, Foucault destaca que esse é produzido a partir de práticas de objetivação e de subjetivação (DREYFUS e RABINOW, 1995).

Foucault, buscando visibilizar os enunciados presentes para descrevê-los e articulá-los em formações discursivas, a partir de suas regularidades e também de suas dispersões. De acordo com o autor

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2008:31).

Estamos entendendo enunciado como a unidade elementar do discurso capaz de ser isolada e entrar em um jogo de relações com outras unidades semelhantes (FOUCAULT, 2008). Os enunciados articulam-se em unidades de sentido, constituindo as formações discursivas.

Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação [...] uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder se mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar (2008:49-50).

Assim, a fim de investigar as práticas de subjetivação presentes nessa rede social relacionadas às cirurgias plásticas, buscamos como questão de pesquisa problematizar que condições de possibilidade contribuíram para a emergência de determinados enunciados (e não de outros) nas diversas comunidades que discutem os corpos pelo viés das cirurgias plásticas.

Os corpos, nesse contexto, estão sendo pensados a partir de uma perspectiva foucaultiana, como *superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização* (FOUCAULT, 2004:22). Assim, nos corpos se inscrevem as marcas dos acontecimentos, de modo que não existe um único corpo, enquanto essência biológica e universal, mas corpos em *perpétua pulverização*, sendo constantemente reinventados e ressignificados nos diversos contextos socioculturais.

Entendemos os corpos como produções híbridas – biológicas, históricas e culturais – que estão constantemente sendo modificadas e (re)significadas em função das diversas formas com que eles têm sido pensados, narrados, interpretados e vividos, ao longo do tempo, pelas diferentes culturas. Para Goellner:

[...] um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a

educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (2007: 29).

Nesse sentido, os corpos são produções biossociais, constituídas na e pela linguagem, que, ao nomear e supostamente descrever esses corpos, interpela-os, atuando na sua produção. Através da linguagem, veicula-se significados sobre os corpos masculinos, jovens, saudáveis, belos, da moda, descuidados, negligenciados, doentes, entre outros. Pensar o corpo dessa forma implica em [...] *perceber sua provisoriidade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo* (FIGUEIRA, 2007:126). Implica, também, no reconhecimento de que os marcadores sociais, tais como etnia, sexo, gênero, classe social e faixa etária atuam na produção desses corpos, posicionando-os. Esses marcadores inscrevem-se nos corpos que, na contemporaneidade, podem ser modificados a partir de inúmeras possibilidades: roupas, acessórios, cosméticos, academias, tatuagens, *piercings*, próteses, cirurgias plásticas, entre outras, modificando, ao mesmo tempo, os modos como nos percebemos como sujeitos.

Nesta pesquisa, os marcadores de gênero têm maior visibilidade, de modo que o conceito de gênero torna-se fundamental para este estudo. Entendemos os gêneros como construções sócio-culturais e linguísticas, relativas às diversas formas de viver a masculinidade e a feminilidade, bem como aos sinificados atribuídos a homens e mulheres em cada cultura. Não são as características biológicas que determinam os significados de ser mulher ou de ser homem, e sim as formas como essas características são valorizadas em cada sociedade, em determinado momento histórico, que acabam por constituir os gêneros (LOURO, 2004, 2007, SCOTT, 1995). Assim, é no campo social que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos, de modo que, as justificativas para as desigualdades entre homens e mulheres devem ser buscadas na história, na estrutura social, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas como as masculinidades e as feminilidades são (re)significadas.

Os padrões atuais veiculados na mídia “determinam” que os corpos masculinos e femininos devem ser magros/as, “sarados/as”, jovens e bronzeados/as, e esse corpo idealizado vem associado a discursos de beleza, saúde e felicidade. Por outro lado, estar gordo/a, ter celulite, ser flácido/a são marcas que apontam para quem não está de acordo com os padrões, marcas que conferem aos sujeitos características “indesejáveis”, associadas a sofrimento, doença e infelicidade. Nesse sentido, Foucault destaca que [...] *encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!”* (2004:147) [grifo do autor]. Há uma incitação à produção desse corpo e ao cuidado de si.

O cuidado de si, de acordo com Foucault, diz respeito à constituição do sujeito como sujeito de seus atos, de modo que [...] *se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação.* (2007:48). Nesse contexto, é preciso conhecer-se a si mesmo para cuidar de si. O cuidado de si não é só um princípio, é uma prática constante. Na Antiguidade, estava ligado a ideais ascéticos cristãos e à filosofia antiga, não sendo entendido como um preceito filosófico, mas como um preceito de vida, uma forma de vida. Cuidar de si requer um trabalho sobre si mesmo, um conjunto de práticas

– técnicas de si – que envolvem regras de conduta, auto-conhecimento, vigilância (FOUCAULT, 1997, 2004b). *Trata-se de ocupar-se de si, por si mesmo. Deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda a sua existência, seu próprio objeto* (Foucault, 1997: 123). De acordo com o autor, o cuidado de si foi, gradativamente, tomando a forma de uma cultura de si, envolvendo não só o princípio de que se deve ocupar-se consigo mesmo, mas

[...] também tomou a forma de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas, em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações individuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (2007: 50).

Esse saber sobre o sujeito e seu corpo foi, ao longo do tempo, instituindo posições de sujeito e produzindo significados de pertencimento e exclusão no que diz respeito aos corpos. Esses significados vêm sendo produzidos por discursos de diversas pedagogias culturais que instituem modos de ser, vestir, falar, agir e consumir. Dentre esses discursos, destacamos os que circulam na sociedade de consumo que, ao atribuir significados a bens, produtos e serviços, os tornam símbolos de distinção e comunicação social.

Vivemos em uma sociedade fortemente marcada por uma cultura de consumo⁵, na qual a apropriação dos bens deixou de ser apenas uma forma de satisfação das necessidades básicas para tornar-se um modo de afirmação, de construção de um estilo de vida e da própria identidade que vem se constituindo através do consumo, em função daquilo que se possui ou que se pode vir a possuir. Essa cultura gera “necessidades” cada vez maiores nos indivíduos. De acordo com Santos:

[...] ao lermos uma revista, ao assistirmos a um filme ou ao comprarmos uma roupa, não realizamos atitudes passivas, em que desempenhamos nossa vontade livremente – não somos livres nem espontâneos –, ao contrário, somos constituídos pelo que vemos, lemos, vestimos, falamos (2002:105).

As relações de consumo são, portanto, processos sociais e correlacionais bastante complexos, em que os significados atribuídos aos produtos são móveis e determinados pelas diferentes culturas. No entanto, os indivíduos pertencentes a um determinado grupo ou classe social compartilham significados e se reconhecem pelos produtos que consomem, pelos lugares que frequentam, pelos serviços que utilizam. Nesse sentido, o consumo é uma prática cultural que organiza e regula nossas condutas, tendo efeitos sobre os corpos, inscrevendo-os, instituindo modos de ser e estabelecendo padrões de beleza, de “normalidade” e de pertencimento. No e através do consumo, ensina-se significados sobre os corpos e tais significados articulam-se a outras significações, instituindo posições de sujeito. Tais significados estão presentes

⁵ Featherstone (1995) diz que a expressão cultura de consumo designa a cultura da sociedade de consumo e está baseada na suposição de que o movimento em direção ao consumo de massa esteve associado a uma reorganização geral da produção simbólica, das experiências e das práticas cotidianas.

em diversos artefatos culturais, entre os quais elegemos, para realizar essa pesquisa, a rede *Orkut*, uma vez que esta vem se expandindo entre os usuários de *internet*.

Corpos virtuais

A *internet* é uma tecnologia digital que possibilita outras formas de relação e outros espaços de sociabilidade. As inúmeras possibilidades de utilização que a mesma oferece interpelam os indivíduos para que assumam distintas e variadas posições de sujeito, inventadas e, muitas vezes, sem correspondência com as narrativas pelas quais eles/as se identificam, nem tampouco com a materialidade de seus corpos. As interações que acontecem nas comunidades do *Orkut* funcionam como mecanismos de subjetivação e produzem efeitos sobre os corpos.

Nesse sentido, Saraiva destaca que

[...] a invisibilidade do corpo, ou o que se poderia chamar de volatilidade do corpo no ciberespaço, não impede que os discursos que circulam na rede se inscrevam sobre o mesmo. Os efeitos da produção discursiva do corpo através da internet estão inextricavelmente ligados com a materialidade corporal (2007:54)

No ciberespaço os corpos virtualizam-se, mas as interações que esses corpos virtuais estabelecem, os discursos que os interpelam, produzem efeitos sobre eles. Segundo Lévy, *[...] é virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (2007:46) [grifo do autor]*. Assim, ao navegarem pela *internet*, os corpos desterritorializam-se, rompem fronteiras temporais e espaciais, desprendem-se do aqui e agora, mas isso não significa que o virtual não exista, ou que não seja real: o virtual não se opõe ao real, mas ao atual (2007, 2007b). Para o autor, o virtual é o que existe em potência e não em ato, *[...] é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (2007b:16)*. Nesse sentido, o virtual constitui-se como uma fonte indefinida de atualizações.

Na rede *Orkut*, circulam corpos virtuais em comunidades virtuais, organizadas a partir de redes de afinidades, por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Nessas comunidades

[...] os membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente” essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontram membros móveis [...] ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia (LÉVY, 2007b:20). [grifo do autor]

A virtualidade, marcada pela “não-presença”, pela dissolução da geografia e da temporalidade, possibilita que esses corpos sejam reinventados infinitas vezes, constituindo um leque de posições de sujeito possíveis de serem ocupadas. Nesse sentido, as comunidades são “rótulos” que escolhemos para dizer quem somos: [...] *a questão central é o que ela diz sobre nós aos outros que visitam nossa página; o conjunto das comunidades a que pertencemos (praticamente sem limite de número – 10, 20, 30...) mapeia esta identidade digital* (SILVEIRA, 2006:147). Assim, o Orkut se constitui como um lugar bastante propício para a exposição dos sujeitos, atuando como uma [...] *vitrine virtual que oferece uma infinidade de ‘peças’ para se vestir uma identidade [...] constituindo um território enigmático e fascinante de invenção e exibição de subjetividades e identidades* (SILVEIRA, 2006:147) [grifo da autora]. As comunidades que escolhemos, mais do que expressar desejos e afinidades, nos constituem.

Ao participarem das comunidades virtuais, os sujeitos estabelecem redes de interações e significados e essas redes conectam-se a outras redes, seja através dos *links* disponibilizados em cada página, seja pelas redes de amigos/as que remetem a outros/as amigos/as, e assim por diante. Segundo Lévy, [...] *hoje nos associamos virtualmente num só corpo com os que participam das mesmas redes técnicas e médicas. Cada corpo individual torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado* (2007:31).

A internet constitui, então, uma imensa rede virtual. Essa rede possibilita aos sujeitos se reinventarem infinitas vezes, com grande liberdade. No entanto, de acordo com Saraiva

[...] podemos problematizar essa liberdade. Se entendermos a construção das identidades virtuais como estratégias de inclusão, não somos “quem queremos”, mas nos representamos por narrativas que acreditamos adequadas e atraentes (ou, em alguns casos, identidades que entendemos como desafiadoras e agressivas). Essa liberdade de nos representarmos está emaranhada em redes de saber-poder que nos autorizam a inventar determinadas narrativas e fazem com que rejeitemos outras (2007:72). [grifo da autora]

Nesse sentido, entendemos que as formas de organização presentes no Orkut estão ancoradas nos significados e valores da sociedade contemporânea, tais como o apelo ao consumo, à efemeridade, à fluidez, o culto à popularidade e ao sucesso pessoal, o culto ao corpo dito belo, ou seja, magro e/ou sarado. Sendo assim, ao proceder suas escolhas – de que comunidades participar, que fotos exibir no seu álbum, o que escrever no seu perfil, que narrativas colocar nos fóruns... – os sujeitos não estão exercendo sua vontade livremente, mas estão produzindo as narrativas que consideram “adequadas e atraentes”, a partir das “verdades” dessa sociedade.

Nesse sentido, o Orkut constitui-se como um espaço de sociabilidade e subjetivação sobre o qual nos debruçamos neste trabalho.

Caminhos metodológicos. O Orkut e a produção dos dados

O *Orkut* é uma rede de relacionamentos filiada ao *Google*⁸, um dos *sites* de buscas mais conhecido no mundo todo. Essa rede foi projetada por um engenheiro da empresa *google*, o turco *Orkut Büyükkökten*, em janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a estabelecer novas amizades e a manter relacionamentos. Para participar dessa rede, o/a usuário/a precisa cadastrar-se preenchendo um perfil que contém desde informações básicas de acesso (*login* e senha, por exemplo), até informações pessoais (idade, endereço, características físicas, interesse em relacionamentos, coisas que gosta e não gosta, o que tem no seu quarto, par perfeito...), profissionais (titulação, profissão, local em que trabalha, interesses profissionais...) e sociais (etnia, religião, orientação sexual, estilo, atividades, paixões, esportes...). O cadastro também possibilita a publicação de um álbum de fotografias digitais, cujo acesso é liberado de acordo com a vontade do/a dono/o do perfil, podendo ser visto por todos/as os/as usuários do *Orkut* ou apenas por amigos/as ou grupos de amigos/as.

O Brasil é o país que tem o maior número de usuários: 50,60% do total. Além disso, o *Orkut* é o terceiro endereço mais acessado no país⁹, ficando atrás apenas do *Google*, que é o líder mundial de acessos, e do *YouTube*¹⁰. Esses dados instigaram-nos, ainda mais, a investigar as formações discursivas sobre as cirurgias plásticas que estão presentes nessa rede social.

No contexto desta pesquisa, estamos tomando como dados para análise diversos elementos presentes nas comunidades - os textos que as descrevem, as imagens usadas para sua identificação, as categorias em que se inscrevem, quem são os donos/as dessas comunidades e o nº de participantes de cada gênero – por entendermos que esses contêm enunciados que podem ser articulados em unidades de sentido, constituindo formações discursivas (FOUCAULT, 2008).

O *Orkut* conta com um sistema de busca do qual nos valem para procurar as comunidades que foram investigadas no contexto desta pesquisa. Buscamos comunidades relacionadas às cirurgias plásticas, utilizando, como palavra-chave, o termo plástica. Como resultado, obtivemos mais de 1.000 (mil). Fizemos um recorte, selecionando as comunidades listadas nas 10 (dez) primeiras páginas dos resultados da busca, ficando, então, com 74 (setenta e quatro). Em seguida, realizamos um mapeamento das comunidades selecionadas, buscando os seguintes dados: nome da comunidade; dono/a (pessoa que criou a comunidade e que se identifica com seu nome pessoal ou com um *nick name*¹¹), categoria (classificação a partir do que o *Orkut* propõe, podendo ser saúde, bem-estar e *fitness*, moda e beleza, escolas e cursos, entre outros), descrição (parágrafo que apresenta a comunidade e seus objetivos), número total de participantes (membros da comunidade), número de homens e de mulheres.

Mulheres e cirurgias plásticas: a participação feminina nas comunidades do *Orkut*

⁸ www.google.com.br

⁹ Segundo dados obtidos em <http://www.alexa.com/topsites/>, acessado em 04/04/2011.

¹⁰ Site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Disponível em: www.youtube.com.

¹¹ Apelido ou pseudônimo usado como identificação em *sites* de relacionamentos, jogos, *chats*, etc.

Os dados da pesquisa foram organizados em uma tabela¹², como a que apresentamos abaixo – (Tabela 1). Inicialmente, analisamos todas as comunidades selecionadas, constatando que a maioria dos/as participantes era constituída por mulheres.

TABELA 1 – Comunidades sobre cirurgia plástica com o maior número de participantes.

COMUNIDADE E DONO/A	CATEGORIA	DESCRIÇÃO	PART.	H	M
JÁ FIZ CIRURGIA PLÁSTICA Gaby*	Pessoas	Para vc que já se rendeu aos avanços da medicina e hj se arrepende somente por não ter feito antes! ...ou até mesmo para vc que quer fazer, mas ainda tem receios, dúvidas... Vamos compartilhar nossas experiências! LEMBRE-SE! **apenas um bom profissional poderá e deverá esclarecer todas as suas dúvidas. O intuito da comunidade é ajuda-lo, mas não deixe de consultar um médico.	5.768	11,3%	88,7%
Cirurgia Plástica Gleisi Rose	Saúde, Bem-estar e Fitness	Essa comunidade tem o objetivo de trocar experiências e esclarecer dúvidas a respeito de CIRURGIA PLÁSTICA e todas as suas sub-especialidades. Nosso objetivo é fazer bons amigos, e sempre, ajudar e incentivar a todos, como uma família. Todos são bem vindos. Os PROFISSIONAIS que se prestarem a tirar dúvidas nessa comunidade deverão ser especialistas da SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Para os demais, médicos ou não, deverá constar como troca de experiências, mas não ter cunho médico-profissional. Não serão permitidos tópicos de propagandas. Por favor, respeite nosso tema principal!	5.786	12,7%	87,3%
Plástica pós-gastroplastia Cristiane Damasceno	Saúde, Bem-estar e Fitness	"Saúde plena é o bem-estar físico e psicológico do ser humano" Você fez a cirurgia de redução da obesidade??? Ainda vai fazer??? Então com certeza vc tem essa preocupação... Ficarei com pele??? Estrias??? Flacidez???Então vc está na comunidade certa!!! Vamos trocar informações e	3.681	9,1%	90,9%

¹² A tabela apresentada constitui um recorte daquela que construímos a fim de tabular os dados das 74 (setenta e quatro) comunidades analisadas. Os textos foram transcritos literalmente.

		experiências. SEJA MUITO BEM VINDO!!!			
Cirurgia Plástica = Felicidade Paloma Aviz	Saúde, Bem- estar e Fitness	Esta página destina-se a colher depoimentos de pessoas que recuperaram sua auto-estima pela cirurgia plástica. Com isto espero mostrar um outro lado da cirurgia plástica que é pouco divulgado. Compartilhe sua alegria conosco!! Conte sua história. Se tiver dúvidas aproveite e pergunte.	1.958	10%	90%

A tabela 1 apresenta as 4 (quatro) comunidades analisadas que têm o maior número de participantes. A análise desses dados mostra que o gênero feminino tem participado mais das comunidades que discutem a temática de cirurgia plástica do que o gênero masculino, o que nos remete a pensarmos no investimento que se faz sobre o corpo, sobretudo o feminino, a fim de que o mesmo corresponda a padrões hegemônicos de beleza.

Numa sociedade em que a beleza tornou-se um imperativo, sobretudo para as mulheres, as meninas aprendem desde muito cedo os cuidados que devem ter com o corpo e a aparência: [...] *elas frequentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, se submetem a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos (ficar dois meses sem tomar refrigerantes, por exemplo), tudo em nome da beleza* (FELIPE, 2007:55). Os corpos femininos são alvo de campanhas publicitárias veiculadas nas diversas mídias que apresentam corpos magros, rijos e jovens como padrões corporais a serem seguidos, aliados a conceitos de felicidade, saúde e bem-estar. Nesse contexto, cada mulher deve responsabilizar-se pelo seu corpo, na busca do que Del Priori (2004) chama de ética feminina, de modo que aquelas que não se encaixam no modelo dito ideal, fracassam em relação ao próprio corpo. De acordo com a autora, [...] *a história das mulheres passa pela história de seus corpos* (2004:256). Assim, pode-se dizer que a partir do final do século XX, vemos crescer um narcisismo coletivo, uma crescente incitação a se exhibir os corpos, especialmente os femininos. Acentua-se, então, a “obrigação” de ser bela, jovem e saudável: *A identidade corporal feminina está sendo condicionada à tríade beleza-juventude-saúde. Leia-se: a mulher deve explicitar a beleza do corpo por sua juventude, sua juventude por sua saúde, sua saúde por sua beleza* (Del Priori, 2004:265). Além disso, as imagens que circulam nos anúncios publicitários, nas novelas, nos filmes e nas diversas mídias produzem teias de sentidos sobre os corpos femininos, articulando-se a uma rede de mecanismos e estratégias que agem sobre esses corpos: [...] *argumentos publicitários, produtos de beleza e medicina vulgarizados nas revistas são os mecanismos sutis, mas extremamente repressivos que agem sobre o corpo feminino* (Del Priori, 2004:266). Nesse contexto, a beleza é algo a ser construído e, para tanto, é preciso que haja um investimento sobre o corpo, determinação e práticas do cuidado de si. As cirurgias plásticas constituem, nesse contexto, um recurso muito valorizado para se alcançar esse corpo idealizado, como podemos ver na descrição da comunidade JÁ FIZ CIRURGIA PLÁSTICA (Fig. 1), apresentada anteriormente na tabela:

Fig. 1 – Interface da comunidade Já Fiz Cirurgia Plástica.

Fonte: www.orkut.com.br



A descrição de cada comunidade, bem como a escolha da imagem que a identifica – nesse caso, um corpo que parece ser feminino, com a mão na cintura e algumas linhas marcadas no abdômen – é feita pelo/a seu/sua dono/a, ou seja, a pessoa que a criou. Essa comunidade foi criada por uma mulher que se identifica como Gabi* que, ao descrevê-la, apresenta as cirurgias plásticas como um *avanço da medicina*, vinculando-as a um campo de saber - o saber médico - que lhe confere poder (FOUCAULT, 2004) para recriar e esculpir os corpos. As plásticas são apresentadas como algo que muitos/as buscam e que traz satisfação para aqueles/as que já alcançaram, pois quem já fez *se arrepende somente por não ter feito antes*. Também abre a possibilidade de discussão e de *compartilhar experiências*, a fim de que aqueles/as que *ainda tem receios, dúvidas* [grifo nosso] possa esclarecê-los e desfrutar de tudo o que a medicina pode oferecer com relação à remodelagem corporal. Esse discurso que fala sobre os sujeitos, sobre os seus corpos, que convoca ao diálogo e à participação nessa comunidade, tem efeito principalmente sobre as mulheres, uma vez que dentre os/as mais de 5.700 (cinco mil e setecentos) membros, a participação feminina é superior a 88%. De acordo com Cabeda (2004), ao longo da história do corpo e das mulheres, os sacrifícios para modelar o corpo de acordo com os “padrões” da época sempre estiveram presentes, desde o uso dos espartilhos que pretendiam esconder as “imperfeições” corporais comprimindo fígado, rins e dificultando a respiração, até as intervenções estéticas: [...] *tornar-se bela por meio de um programa de intervenções estéticas, das mais simples às mais invasivas (como as cirurgias plásticas), tornou-se o projeto existencial prioritário para um grande número de mulheres, garantia de auto-estima e felicidade* (CABEDA, 2004:321). E esse tornar-se bela passa por um auto-cuidado, pela responsabilidade pessoal acerca da sua aparência e seu físico. Nesse sentido, Sibilia destaca:

No contexto contemporâneo, “cuidar de si” deixou de remeter à preservação de costumes e valores burgueses, com sua preocupação constante no que tange ao enriquecimento da alma, aos sentimentos e às qualidades morais, para canalizar suas cerimônias em direção ao cuidado do corpo físico (2009:34). [grifo da autora]

Esse “cuidar de si” envolve um conjunto de práticas e técnicas corporais, das quais as cirurgias plásticas fazem parte.

Além disso, das 74 (setenta e quatro) comunidades analisadas, 68 (sessenta e oito) apresentam mais de 50% de participação feminina e todas apresentam, no mínimo, 30% de mulheres entre seus membros, mostrando que o investimento sobre o corpo das mulheres é mais intenso do que sobre o corpo dos homens e, de acordo com Sant'Anna, [...] *a insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A ideia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas* (2005:121). Sobre o corpo feminino se estabelece uma rede de discursos que incitam o auto-cuidado, de modo que cada mulher é responsável pela sua aparência e pelo cuidado de si.

Embora os discursos de beleza ainda estejam muito vinculadas ao gênero feminino, vemos que esses discursos já vêm produzindo efeitos também nos homens, pois segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas - SBPC, os homens vêm aderindo cada vez mais aos procedimentos cirúrgicos estéticos, sendo que nos últimos cinco anos cresceu de 5% para 30% o número de homens que buscam cirurgias plásticas (de 650 mil cirurgias feitas no ano passado, 119 mil foram em homens)¹³. O presidente da SBPC, Sebastião Guerra (2010), destaca que *o mundo competitivo, a mídia, impondo padrões e a busca da autoestima, são os principais fatores que fazem homens realizarem cirurgias*. Tal afirmação nos dá indícios de que cada vez mais a ideia do cuidado de si envolvendo um conjunto de técnicas e procedimentos que visam os cuidados e a produção do corpo físico vem interpelando também os homens.

Instigadas por essas informações, optamos por deslocar o foco de análise das feminilidades – categoria com a qual geralmente se tem trabalhado – buscando investigar a participação masculina nas comunidades que discutem as cirurgias plásticas.

Maculinidades e cirurgias plásticas: olhares sobre as comunidades que têm homens como donos

Após esse olhar sobre as comunidades selecionadas para análise, procuramos, na tabela construída, aquelas que tinham homens como donos, entendendo que esses, ao criarem as suas comunidades, estabeleceram quais seriam os seus objetivos e o foco das discussões que se estabeleceriam naquele espaço. Obtivemos, dessa forma, 22 (vinte e duas) comunidades, sendo que em 5 (cinco) a maioria de participantes é constituída por homens e em 17 (dezessete), a maioria é constituída por mulheres.

Inicialmente, analisamos as categorias em que essas comunidades estão enquadradas:

- Saúde, bem-estar e *fitness*: 13 (treze).
- Escolas e cursos: 3 (três).
- Moda e beleza: 2 (duas).
- Alunos e escolas: 1 (uma).
- História e ciência: 1 (uma).
- Atividades: 1 (uma).
- Outras: 1 (uma).

¹³ Dados obtidos no site da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, disponível em <http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php>, acesso em 12/10/2010.

Percebe-se, conforme os dados acima, que os discursos que vinculam as cirurgias plásticas à saúde, bem-estar e *fitness* destacam-se. Das 13 (treze) comunidades que se colocam nessa categoria, 10 (dez) abordam o tema sob o ponto de vista médico, estando vinculadas a clínicas ou hospitais, faculdades de medicina e/ou cirurgia plástica, ou sendo direcionadas a profissionais da área, como vemos nos excertos que seguem¹⁴:

*Essa Comunidade é destinada para os **Residentes e Ex-Residentes de Cirurgia Plástica**, que desejem trocar informações inerentes a esta especialidade.*(C2)

*Comunidade destinada a todos **médicos, residentes, estagiários** e amantes da cirurgia plástica, que já tiveram algum contato com o **Hospital Cristo Redentor**, uma verdadeira **escola sobre cirurgia plástica**.* (C8)

*Comunidade aberta a todos aqueles admiram, conhecem ou tem interesse na **disciplina** de Cirurgia Plástica da **Santa Casa de São Paulo**.* (C9)

*comunidade destinada a informações sobre cirurgia plástica. a escolha do **cirurgião plástico** é uma decisão muito importante, por isto, você deve sempre escolher um **cirurgião especializado em cirurgia plástica**. consulte sempre se o seu **médico** é **associado da sbcp**.*(C12) [grifos nossos]

Esse discurso médico também se faz presente nas comunidades que se incluem nas categorias Escolas e cursos, Alunos e escolas, História e Ciência, Atividades e Outros, como podemos ver a seguir:

*Comunidade da **Disciplina** de Cirurgia Plástica da **Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**.*(C3)

*Comunidade para **residentes; alunos; ex-alunos**; amigos; e admiradores do **Serviço de Cirurgia Plástica Linneu Mattos Silveira PUC-SP/Sorocaba**.* (C5)

*Para os **otorrinolaringologistas** interessados em cirurgia plastica e **medicina estética da face**.*(C6) [grifos nossos]

Nota-se, também, que o mesmo discurso está presente em todas as comunidades que têm homens como maioria dos participantes, bem como naquelas em que a participação masculina é maior – considerando uma participação igual ou superior a 30%, o que corresponde a 14 (quatorze) comunidades.

Tais dados nos instigaram a pensar nas condições de possibilidades que fizeram com que a participação dos homens fosse maior nessas comunidades e não em outras,

¹⁴ Nos excertos apresentados, usamos a letra C (de comunidade) acompanhada de um número para identificar as comunidades analisadas. Os excertos apresentados correspondem a transcrições literais.

como as que foram apresentadas na tabela 1, por exemplo, em que a participação masculina ficou em torno de 9% a 12%. Entendemos que a maior participação dos homens nas comunidades em que o discurso médico se faz presente está relacionada aos modos de endereçamento presentes em tais comunidades.

Modo de endereçamento (ELLSWORTH, 2001) é uma expressão dos estudos do cinema e que vem sendo utilizada no campo da pesquisa em educação. A noção de endereçamento diz respeito à relação entre o texto de um filme ou, nesta pesquisa, de uma comunidade do *Orkut* e o seu/sua espectador/a ou usuário/a participante. Essa relação faz com que um filme ou uma comunidade seja produzida de uma determinada forma, partindo da questão: quem esta comunidade pensa que você é? O modo de endereçamento, nesse contexto, refere-se a algo que está no texto da comunidade e que produz efeitos nos/as seus/suas potenciais usuários/as participantes, atuando [...] *como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual* (ELLSWORTH, 2001:13). A autora destaca que o entendimento do modo de endereçamento como um evento possibilita pensá-lo dentro do campo da educação e dos Estudos Culturais.

Nesse sentido, entendemos que os modos de endereçamento dessas comunidades interpelam os homens, convocando-os e “autorizando-os” à participação. Diversos enunciados presentes atuam na construção desse endereçamento: o nome das comunidades, a sua descrição, a sua imagem de exibição e o fato de terem um homem como dono¹⁵.

Com relação aos nomes das comunidades, por exemplo, já se percebe, em várias, a demarcação do campo médico: *Cirurgia Plástica Ginecológica* (C1); *Residentes Cirurgia Plástica* (C2); *Ética na Cirurgia Plástica* (C4); *Cirurgia Plástica SantaCasaSP* (C9); *Liga da Cirurgia Plástica – UFG* (C10); *Cirurgia Plástica HSE/RJ* (C11). Elementos presentes nesses nomes – *Ginecológica*, *Residentes*, *Ética*, *SantaCasa*, *HSE/RJ* – fazem a demarcação simbólica do campo médico como aquele a partir do qual se discute a temática plástica nessas comunidades.

Também nas descrições feitas pelos donos pode-se ver esses elementos [grifos nossos]:

*Comunidade destinada a **divulgar técnicas** e promoção da perfeita imagem íntima da mulher. Livre a todo publico! Duvidas, **consultas**, casos! (C1)*

*[...]criada aos **Cirurgiões Plásticos** que tem como princípio a **ética** em sua **profissão**, o respeito ao **paciente** e é contra a banalização da **especialidade**.(C4)*

*PARA SER ADD COMO MEMBRO VC DEVERÁ ESTA **LIGADO A ODONTOLOGIA** E TER O PERFIL **PROFISSIONAL** PREENCHIDO (C7)*

*Comunidade destinada aos **Residentes** e **Ex-Residentes** em Cirurgia Plástica do **Hospital** dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. (C11)*

¹⁵ Entre as 74 (setenta e quatro) comunidades inicialmente selecionadas para análise, constatamos que naquelas que tinham uma mulher como dona a participação masculina ficou em torno de 13%.

Questões sobre cirurgia plástica para **profissionais da área**. (C14) [grifos nossos]

As descrições apresentam elementos que fazem parte do discurso médico – *consultas, pacientes, especialidade, residentes, hospital...* – e que, articulados a outros elementos presentes nas comunidades em questão, vão constituindo o endereçamento para os homens. Esses dados apontam para alguns significados presentes na nossa sociedade: a ciência – aqui representada pela medicina, na sua especialidade de cirurgia plástica – como masculina e como uma “verdade” que fala sobre os corpos dos sujeitos, que fala sobre sua *saúde e bem-estar*. Nessas comunidades, os homens podem participar e falar, visto que não se discute as plásticas do ponto de vista da *Moda e beleza*, mas da *saúde e bem-estar* a partir da medicina, com profissionais da área. Segundo Oliveira, [...] *desde cedo foi possível verificar uma imbricação entre os ideais de racionalidade juntamente com os postulados científicos e o ideal moderno de masculinidade* (2004:55). O autor destaca que, historicamente, o pensamento lógico-matemático, bem como os saberes necessários às ciências naturais e todo o raciocínio científico, foram relacionados às masculinidades e, [...] *desse modo, a mente científica par excellence ficava identificada com o masculino* (Oliveira, 2004:58).

Nas descrições das comunidades, demarca-se quem pode participar e os lugares de que se fala: são os médicos, residentes, alunos, professores, pós-graduandos... Demarca-se quem está habilitado a falar e de que lugar se fala. Segundo Foucault, [...] *o status do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e à experimentação do saber* (2008:56). Fala-se, portanto, a partir de um lugar privilegiado e instituído como o lugar do “discurso verdadeiro”, que é o [...] *discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido* (2004b: 15). E esse sujeito de direito, autorizado a falar é, nesse contexto, um homem, apontando para um imbricamento entre a ciência e as masculinidades, entendendo que essa relação não é um processo natural, mas que foi historicamente construída e que ainda vem sendo reforçada de muitas formas na sociedade contemporânea.

De acordo com Chassot (2009), não só a ciência, mas grande parte da produção intelectual é masculina. O autor destaca que no século XIX e também na primeira metade do século XX, algumas mulheres publicavam seus trabalhos científicos utilizando pseudônimos masculinos ou utilizando apenas o sobrenome, a fim de que suas produções fossem publicadas e tivessem credibilidade visto que as mulheres não tinham voz na ciência. O campo científico não era visto como uma profissão apropriada para as mulheres e isso acontecia em diversos outros campos, tais como a política, as artes, os esportes, entre outros. Se olharmos para a história da ciência, veremos que poucas são as mulheres que integram essas narrativas e, nesse sentido, Chassot (2009) faz referência a uma lista – *The One Hundred*¹⁶ – publicada em 1996, que contém os 100 (cem) nomes que mais influenciaram a história da humanidade ao longo dos tempos, na visão de um amplo universo de respondentes. Integram a lista 98 (noventa e oito) homens, entre os quais muitos cientistas – Einstein, Pasteur, Galileu, Darwin, Copérnico, Lavoisier, Descartes, Thomas Edison, Fleming, Mendel, entre outros

¹⁶ A lista baseia-se na pesquisa do cientista Michael Hart, dos Estados Unidos e foi publicada no livro *The One Hundred*. London: Simon & Schuster, 1996 (CHASSOT, 2009).

– e apenas 2 (duas) mulheres, Isabel, a católica e Elisabeth I, ambas rainhas. Mulheres que trouxeram contribuições importantes no campo da ciência ao longo da história – como Marie Curie, por exemplo, uma das poucas mulheres a receber um Prêmio Nobel na área científica – não foram citadas nessa lista. Ainda hoje continuamos demarcando de muitas formas quais são os lugares sociais dos homens e das mulheres e, por mais que algumas rupturas já tenham ocorrido, ainda há um predomínio masculino no campo científico.

Assim, ao se posicionarem como comunidades que discutem as cirurgias plásticas do ponto de vista dos médicos e residentes, tais comunidades posicionam os sujeitos participantes dentro de uma rede discursiva em que se articulam enunciados, como o da ciência enquanto um campo de saber historicamente constituído como masculino e produtor de verdades sobre os corpos e sobre os sujeitos; e o dos profissionais habilitados a falarem sobre a temática, uma vez que o campo de saber – a medicina – os legitima a falar sobre determinadas coisas, conferindo verdades aos seus ditos e instaurando discursividades, isso porque os articula em uma relação de poder-saber, como nos ensina Foucault (2003; 2004).

As imagens usadas para ilustrar as comunidades (Fig. 2) também constituem enunciados importantes que atuam na produção do endereçamento:

Fig. 2 – Imagens de identificação das comunidades.
Fonte: www.orkut.com.br



As imagens usadas na identificação dessas comunidades também demarcam o campo no qual o dono e os/as participantes se posicionam, que é o campo da ciência e da medicina plástica, como é o caso das comunidades *Residentes Cirurgia Plástica* (C2), *Cirurgia Plástica HCR* (C8) e *Cirurgia Plástica – HSE/RJ* (C11), que ostentam a logomarca da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP que é o órgão oficial da Associação Médica Brasileira e do Conselho Federal de Medicina. Apenas os membros da SBCP podem utilizar a logomarca de modo que, ao ostentá-la na sua comunidade, visibilizam aos usuários do *Orkut* que possuem excelência e reconhecimento nesse campo, de modo que estão oficialmente autorizados a falarem sobre plásticas. A comunidade *Cirurgia Plástica PUC-SP* (C5) exibe um brasão com a palavra *Sapientia*, que do latim quer dizer sabedoria, conhecimento. Já a comunidade *Cirurgia Plástica Santa CasaSP* (C9), exibe uma foto do prédio do hospital, demarcando o seu pertencimento a uma instituição de saúde conhecida, enquanto que nas comunidades *Cirurgia Plástica FMUSP* (C3) e *Liga de Cirurgia Plástica – UFG* (C10), identifica-se um logotipo formado por imagens de corpos estilizados e o nome das instituições a que estão vinculadas, o que lhes confere legitimidade para falar de tal temática. As comunidades *Ética na cirurgia plástica* (C4) e *Cirurgia Plástica* (C14) apresentam bisturis, sendo um na mão de um médico – homem – usando avental e máscara, e o outro, procedendo um corte cirúrgico em um modelo semelhante aos que podem ser encontrados em livros de anatomia. As imagens apresentadas como ícones dessas comunidades constituem enunciados que contribuem para a demarcação do campo de discussão das cirurgias plásticas nesses espaços, posicionando os sujeitos participantes no campo profissional da ciência médica, em que se institui um campo do conhecimento que, segundo Louro (2004), é historicamente masculino.

De acordo com Chassot (2009), apesar de as mulheres estarem cada vez mais presentes nas diversas áreas da ciência, inclusive naquelas que tradicionalmente eram vistas como masculinas, em termos globais, o número de mulheres que se dedicam a esse campo ainda é significativamente menor do que o de homens. O autor aponta duas explicações para isso: uma de cunho histórico e outra de cunho biológico. Na perspectiva histórica, destaca que as concepções de uma ciência masculina foram sendo historicamente construídas, a partir de relações em que se instituiu os lugares sociais dos homens e das mulheres. Na perspectiva biológica, aponta para os significados dados às diferenças biológicas entre os sexos, especialmente vinculadas à maternidade e à paternidade. Gestação, cuidados pós-parto, amamentação, cuidados com o bebê e com a criança, todas essas atividades, historicamente atribuídas às mulheres, demandam muito tempo e cuidados. Apesar da criação da pílula anticoncepcional, no final do século XX, constituir um marco na história do feminismo, a maternidade ainda vem atuando para muitas mulheres como um demarcador dos seus lugares sociais. Chassot destaca que: *Não parece um despropósito afirmar-se que o fato de as mulheres serem as principais responsáveis por criar seus filhos as tirou/tira por muito tempo de suas pesquisas* (2009:60). Entendemos, assim como o autor, que essas diferenciações foram sendo construídas e que os discursos biológicos contribuíram para legitimar essas diferenças. Nesse contexto, temos, ainda hoje, a medicina como um campo em que os homens são “naturalmente” posicionados e em que as mulheres precisam conquistar o seu lugar.

Dentre as comunidades selecionadas para análise e apresentadas na tabela 2, algumas rompem com a regularidade discursiva representada pelo discurso da área

médica. São as comunidades *Vou fazer plástica no nariz!* (C15) e *Cirurgia Plástica - Eu Fiz!* (C20), ambas enquadradas na categoria *Moda e Beleza*. Nessas comunidades, a participação dos homens é baixa, comparando-se às comunidades analisadas até aqui: 24,2% na C15 e 7,3% na C20. Entendemos que esses índices de participação relacionam-se aos modos de endereçamento que, nesses casos, apresentam outros enunciados:

*Essa comunidade, é para **todos** q vão ter um **narizinho empinadinho!!!**
Apesar de **nao terem um nariz feio !!!** (C15)*

*Comunidade para discussão de assuntos sobre a Cirurgia Plástica Estética. Certa vez perguntaram ao **Chico Xavier** em 1972 se era **pecado** se fazer uma Cirurgia Plástica, ao que ele respondeu: - A Plástica Regeneradora, com orientação médica, é um fator a grandes **estímulos psicológicos** para que a **alegria de viver** não feneça em nossos **corações** e para que possamos trabalhar com mais interesse, com mais estímulos, no rendimento de nossa vida para o **bem de todos**. A Plástica Regeneradora é tão legítima como a Geriatria e a Gerontologia que chegaram no mundo pelas mãos da ciência para que depois dos 40 anos também saibamos passar o período de maturidade com a saúde que possamos desfrutar; pois que não devemos ambicionar o suicídio prematuro através da inércia e do descaso pela nossa apresentação pessoal. Seria o caso de perguntarmos à **rosa** ou ao **lírio** por que é que eles são tão **belos**, ou a luz por que ela brilha tanto. (C20) [grifos nossos]*

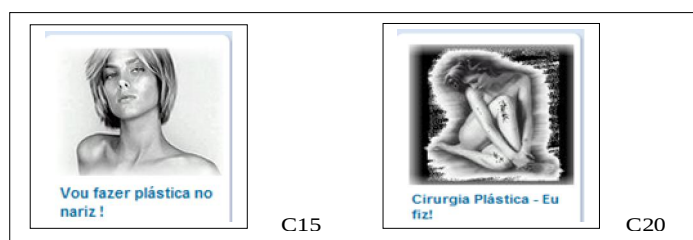
Nas suas descrições, essas comunidades trazem discursos que remetem à beleza – *narizinho empinadinho, não terem um nariz feio, belos* – e a outros elementos que tradicionalmente são associados às mulheres, como a afetividade – *corações, alegria de viver, bem de todos*. Essas comunidades se abrem a *todos* que de alguma forma partilham o desejo de ter um *narizinho empinadinho* ou de buscar uma plástica regeneradora para resgatar a *alegria de viver*, melhorando aspectos da nossa vida para o *bem de todos*. Vemos, nesse contexto, que o discurso da beleza interpela de forma diferenciada mulheres e homens. Ao longo do tempo, a aversão pelas aparências consideradas feias acentua-se, no entanto, historicamente, o embelezamento tem sido relacionado às práticas femininas do cuidado de si, desde o uso dos “remédios” para beleza, que no início do século XX prometiam “curar” a feiúra combatendo os “defeitos” femininos, até as contemporâneas cirurgias plásticas estéticas (SANT’ANNA, 2005). Nesse contexto, a autora destaca que

[...] se atualmente o embelezamento representa mais do que acabar com a feiúra, se ele integra a esta promessa aquela de fazer a mulher se encontrar com ela mesma, resistir à compra dos cosméticos ou, ainda, às aulas de ginástica, aos regimes, às cirurgias, etc, significa sobretudo, resistir a proporcionar para si mesma um prazer suplementar. E, muitas vezes, uma tal renúncia representa uma experiência intolerável (2005:137)

Além disso, vemos, nesses excertos, enunciados de um discurso que ao longo do tempo foi constituindo a feminilidade hegemônica, vinculando significados como sensibilidade, romantismo, emoção, delicadeza, intuição, amor e cuidados estéticos a características femininas (SABAT, 1998). Ao falarmos em feminilidade hegemônica, não estamos assumindo que existe uma única forma de ser e viver a feminilidade, mas estamos entendendo que contigências históricas foram constituindo determinadas formas de se posicionar o feminino.

As imagens utilizadas para identificação (Fig.3) dessas comunidades também trazem indícios de enunciados que atuam na produção desses outros modos de endereçamento:

Fig 3 - Imagens de identificação das comunidades C15 e C20.
Fonte: www.orkut.com.br



Ao apresentarem imagens de mulheres dentro dos padrões de beleza considerados desejáveis, reforça-se o pertencimento dessas comunidades à categoria *Moda e Beleza*, instituindo o campo a partir do qual se dão as discussões nesses espaços. Articuladas a outros enunciados presentes nessas comunidades, as imagens contribuem para a demarcação do discurso da beleza, da moda e esses discursos vêm interpelando muito mais as mulheres do que os homens ao longo da história, apesar de algumas rupturas nesse sentido já terem ocorrido. Vemos indícios disso nos índices de participação masculina que, nessas comunidades, é mais baixo.

Também evidenciamos outros modos de endereçamento em outras comunidades que tiveram pouca participação dos homens – entre 6% e 15% –, como é o caso de *Cirurgia Plástica – Brasília* (C18), *Dr.Wandemberg Barbosa Plástica* (C19), *LOUCOS POR CIRURGIA PLÁSTICA* (C21) e *Eu tenho medo de plástica* (C22). A análise da descrição das comunidades nos dá alguns indícios disso:

*Comunidade voltada para as **pessoas** que desejam **discutir e se informar** sobre cirurgia plástica em Brasília.* (C18)

***Todos** aqueles que procuram **fazer PLÁSTICA** com um ótimo cirurgião ou que procuram um **CANCEROLOGISTA**; os que **fizerem plástica** com o Dr. Wandemberg; faça parte desta comunidade afinal **ele é o máximo** e o melhor em **cirurgia plástica. Medico atencioso; detalhista; humano [...]**(C19)*

PESSOAS QUE NECESSITAM DE CIRURGIA PLÁSTICA POR ALGUM MOTIVO DE EXTREMA NECESSIDADE, OU POR UMA SIMPLES VAIDADE. INDEPENDENTE DO MOTIVO CADA QUAL TEM UM DESEJO REAL SEJA ELE QUAL FOR. OU PESSOAS QUE JÁ TENHAM FEITO. ACEITO DEPOIMENTOS DE SUAS EXPERIÊNCIAS. (C21)

*Este fórum **convoca** a **todas as pessoas** que **desejam fazer** uma cirurgia plástica e tem **medo** de fazê-la ou que tem **dúvidas** sobre o melhor tratamento a seguir. Nosso objetivo não é fazer uma consulta médica virtual mas sim **ajudar a entender** melhor cada tratamento, ter melhores **critérios para escolher** um ou outro procedimento e sobretudo ajudar a perder esse medo ao desconhecido com uma **conversa franca** e um **papo descontraído**. Este fórum é dirigido pelo Dr. Carlos Augusto de Curitiba, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, com vasta experiência na área de Cirurgia Estética - Reparadora e Bioplastia." Toda pessoa tem o direito de se sentir bem consigo mesma, para sua própria satisfação e prazer de quem está em volta" (C22) [grifos nossos]*

Nas descrições dessas comunidades, vemos enunciados que convocam os sujeitos para participarem, não mais o médico ou residente, mas *todas as pessoas* que *desejam fazer* uma cirurgia plástica, seja por *necessidade* ou por *simples vaidade*, abrindo espaço para troca de *experiências*, *depoimentos*, para *discutir* e *se informar*, esclarecer *dúvidas*, superar o *medo*, ter uma *conversa franca* e um *papo descontraído*. O endereçamento, nesse contexto, é para o sujeito “comum”, consumidor desse serviço, que deseja moldar seu corpo de acordo com determinados padrões, denotando o cuidado de si voltado a esse corpo físico (SIBILIA, 2009).

Apesar de fazerem referência a médicos, as comunidades C19 e C22 trazem um outro viés de discussão, uma colocando-se como admiradora do trabalho do cirurgião (C19), pois ele é *médico atencioso*, *detalhista* e *humano*, e a outra, trazendo o médico como um consultor, como a “voz autorizada” a falar para *todas as pessoas* – as que não são médicas – sobre a sua especialidade, tirando *dúvidas*, ajudando-as a *entender* e fazerem suas *escolhas*. Nota-se que, em ambos os casos, temos homens como médicos, demarcando, mais uma vez, a relação entre ciência – nesse caso, a medicina – e masculinidade.

Tais enunciados articulam-se de modo a constituir o que Larrosa (2002) chamou de práticas pedagógicas, ou seja, práticas que possibilitam algum tipo de relação reflexiva consigo mesmo. De acordo com o autor, tais práticas *constroem e medeiam a relação do sujeito consigo mesmo* (Larrosa, 2002:36), estando presente tanto nas relações que se dão entre professores/as e alunos/as na educação formal, quanto nas relações entre pais/mães e filhos/as, entre os/as participantes de reuniões de um grupo religioso ou político, ou, no caso dessas comunidades, entre os seus membros e os/as especialistas que se propõem a discutir a temática das cirurgias plásticas. Nesse contexto

[...] os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos

que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir (Larrosa, 2002: 54-55).

Ao narrar suas dúvidas, medos e expectativas sobre as plásticas, esses sujeitos reelaboram a experiência que têm de si, produzem verdades que constituem e medeiam a relação consigo.

Além disso, as imagens usadas para identificação dessas comunidades (Fig.4) apresentam enunciados que se articulam aos que já foram apresentados, constituindo, também, práticas pedagógicas que contribuem para a experiência de si:

Fig. 4 - Imagens de identificação das comunidades C18, C19, C21 e C22.

Fonte: www.orkut.com.br



A comunidade C19 traz a fotografia do médico para o qual a comunidade foi feita como forma de divulgação e reconhecimento pelo seu trabalho. A foto exhibe o profissional de jaleco e gravata, num ambiente branco que remete a um hospital ou consultório, posicionando o homem como o profissional habilitado a falar, legitimado pelo campo de saber da medicina. Aliado a outros enunciados presentes na descrição – *ele é o máximo e o melhor em cirurgia plástica; ótimo cirurgião* – constitui discursos que instituem as mulheres como as pacientes, as admiradoras do seu trabalho, aquelas que serão beneficiadas por esse saber legitimado a partir do qual esse médico pode falar. Além disso, ao destacar características como *atencioso, detalhista e humano*, apresenta enunciados de um discurso sobre a afetividade, o cuidado e o zelo, significados que vêm interpelando, sobretudo as mulheres, que aprendem desde muito cedo a valorizar a gentileza e a docilidade. Consideramos que a pequena proporção de homens nessa comunidade está relacionada a essas formas de endereçamento, visto que os/as seus/suas participantes, ao ingressarem nesse grupo, assumem a admiração por esse profissional e, ao longo do tempo, diversos mecanismos sociais contribuíram para a produção de homens controlados, ponderados e capazes de controlar a manifestação de emoções (LOURO, 2007).

As outras três comunidades – C18, C21 e C22 – exibem corpos femininos, sendo que duas apresentam fotografias e a terceira apresenta uma imagem da Vênus de Milo, deusa grega do amor, do sexo e da beleza física. Todos são corpos que correspondem aos padrões de beleza instituídos na nossa cultura, demarcando o campo discursivo a partir do qual as discussões são pontuadas nessas comunidades: o da beleza. Embora as quatro comunidades estejam categorizadas como *Saúde, Bem-estar e fitness*, é de outra saúde e bem-estar que se fala nesse contexto, e não mais a saúde da área médica, como nas comunidades anteriormente analisadas. A saúde, aqui, é vinculada diretamente aos discursos de beleza, instituindo que ser belo é um “reflexo” das suas boas condições de saúde. Cuidar da sua aparência física, nesse contexto, é cuidar da sua saúde e alcançar o bem-estar. De acordo com Cabeda (2004), os discursos que articulam a tríade juventude-beleza-saúde interpelam, de modo especial, as mulheres e, para buscar o alcance dessa tríade, dispõe-se de todo um aparato da indústria de cosméticos e de serviços no campo da medicina estética. Nesse sentido, Edmonds destaca que [...] *a cirurgia plástica parece tornar indefinidas as fronteiras entre higiene, medicina e beleza, historicamente, na verdade, estas linhas têm sido fluidas, redefinindo-se em épocas diferentes de acordo com a mudança dos ideais de feminilidade.* (2002:213). Assim, em momentos históricos diferentes tivemos distintas formas de relação entre saúde e beleza, desde o entendimento de “feiúra” como doença até o de beleza como saúde. Nessas comunidades, vemos operar toda uma discursividade que coloca as cirurgias plásticas como uma prática corporal que confere o tipo de beleza que é entendido como efeito da saúde, de modo que se busca modelar as aparências corporais, tornado-se belo/a para, então, tornar-se saudável.

A análise das 22 (comunidades) sobre cirurgias plásticas que têm homens como donos possibilita-nos dizer que existem distintos modos de endereçamento aí presentes, produzindo efeitos diferentes em homens e mulheres. Tais endereçamentos são constituídos por enunciados que se articulam em formações discursivas presentes em discursos como o da área médica, o da beleza e o da saúde, produzindo significados sociais e posicionando os sujeitos nos diversos contextos.

Masculinidades e feminilidades nas comunidades de cirurgias plásticas no Orkut: algumas considerações.

As comunidades do *Orkut* analisadas no contexto desta pesquisa são representativas no campo de análise da temática em questão, visto que selecionamos aquelas que têm homens como donos e também que o número total de participantes é maior. É importante considerarmos que todas essas comunidades foram criadas por homens que, ao estabelecerem os seus objetivos e focos de discussão, produziram modos de endereçamento de acordo com os sujeitos que pretendem “convocar” à participação, ou seja, de acordo com quem eles pensam que esses sujeitos são.

Vimos que a maior participação masculina ocorre nas comunidades em que o viés da discussão se dá a partir do discurso médico. Nessas, são chamados/as à participação médicos/as, residentes, profissionais e estudantes da área da cirurgia plástica, utilizando-se de alguns enunciados presentes no nome das comunidades, na sua descrição e na sua imagem de exibição, que acabam por posicioná-las no campo da ciência médica, criando as condições de possibilidades para que determinados sujeitos – os homens – possam participar. O uso do nome das instituições hospitalares

e acadêmicas, as imagens que remetem à Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica ou que trazem elementos da prática médica, expressões que fazem parte do vocabulário médico, entre outros enunciados que compõem o endereçamento nessas comunidades, articulam-se a discursos que, historicamente, foram construindo a ciência, aqui representada pela medicina especializada em cirurgia plástica, como masculina e como lugar legitimado para se falar, produzindo verdades e instaurando discursividades.

As comunidades que trazem outros modos de endereçamento, com enunciados que se articulam a discursos de beleza e que “convocam” todos os sujeitos que se interessam pelo assunto ou que desejam fazer cirurgia plástica, e não mais os/as profissionais da área, apresentam uma participação masculina menor. Tais comunidades vinculam as plásticas a significados como moda e beleza, estabelecendo relações entre a boa aparência física, a saúde e o bem-estar, significados que vêm sendo, ao longo dos tempos, vinculados às feminilidades. Afetividade, religiosidade, cuidados com o corpo e com a aparência são características relacionadas às feminilidades hegemônicas e que estão presentes nos modos de endereçamento dessas comunidades, produzindo condições de possibilidades para que a participação das mulheres seja superior a dos homens.

Entendemos que os gêneros são produzidos de forma relacional, ou seja, só se pode entender a masculinidade no contexto de uma determinada cultura quando comparada à feminilidade nesse mesmo contexto, de modo que os aspectos vinculados à produção de uma estão diretamente vinculados à construção da outra (Scharagrodsky, 2007). Assim, os significados vinculados às feminilidades e às masculinidades hegemônicas que foram encontrados nessa pesquisa – como a preocupação com a beleza como algo que constitui o feminino e a ciência como um campo de saber masculino – não são “naturais”, mas foram historicamente construídos em intrincadas redes de poder na trama social e que ainda estão presentes sob muitas formas na sociedade contemporânea, engendrando o que se entende por masculino e feminino.

Tais significados estão presentes nas comunidades analisadas, constituindo modos de endereçamento – quem o dono da comunidade pensa que você é – e instituindo posições de sujeito. Ao entrar nessas comunidades, os sujeitos assumem as posições que lhes são socialmente atribuídas. Apesar disso, precisamos considerar que há uma tensão nos modos de endereçamento (Ellsworth, 2001), ocasionada pela diferença entre quem o dono da comunidade pensa que o sujeito é e quem o sujeito pensa que é. Isso faz com que se entre nas comunidades por múltiplos lugares, que se relacionam com as redes de significações que cada sujeito dispõe para interagir nos diversos contextos.

O *Orkut*, enquanto lugar que possibilita aprendizagem, entretenimento e comunicação, ensina sobre os corpos, as cirurgias plásticas e os gêneros. As narrativas compartilhadas nas comunidades constituem práticas de subjetivação que produzem efeitos nos corpos e nos sujeitos que nelas interagem, posicionando-os.

Referências

CABEDA, Sonia. "O corpo da cirurgia plástica: um olhar sobre a subjetividade feminina na contemporaneidade". In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 315-346.

CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina?* 4 ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

COUTO, Edvaldo e ROCHA, Telma. "Apresentação: a vida no Orkut". In: _____ (Org.). *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 11-12.

DEL PRIORI, Mary. "Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil". In: STREY, Marlene e CABEDA, Sonia (Org.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 255-266.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EDMONDS, Alexander. "No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro". In: GOLDENBERG, Miriam (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record: 2002. p. 189-262.

ELLSWORTH, Elizabeth. "Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também". In: SILVA, Tomaz. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica: 2001. p. 7-76.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FELIPE, Jane. "Erotização dos corpos infantis". In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 53-65.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. "A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos". In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 124-135.

FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Vol. 1. 15 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *Microfísica do poder*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. "A Ética do cuidado de si como prática de liberdade". In: _____. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. (Ditos e Escritos. Vol. V). p. 264-287.

_____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Vol. 3. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
GOELLNER, Silvana. "A produção cultural do corpo". In: LOURO, Guacira, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.28-40.

GUERRA, Sebastião. *Busca por cirurgias plásticas cresce 30% nos últimos anos*. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Disponível em:
<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248:busca-por-cirurgias-plasticas-cresce-30-nos-ultimos-anos&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87> Acesso em 12/10/2010.

HALL, Stuart.. "The work of representation". In: _____ (Org.). *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In: SILVA, Tomaz (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo, Ed. 34, 2007.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo, Ed. 34, 2007b.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OGIBA, Sonia. "A produção do conhecimento didático e o pós-estruturalismo: potencialidades analíticas". In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.) *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 231-244.

OLIVEIRA, Pedro. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SABAT, Ruth. *Entre signos e imagens: gênero e sexualidade na pedagogia da mídia*. 1998. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANT'ANNA, Denise. "Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil". In: _____ (Org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-140.

SANTOS, Luiz Henrique. "Incorporando 'outras' representações culturais de corpo na sala de aula". In: OLIVEIRA, D. (Org.). *Ciências na sala de aula*. 4 ed. Cadernos de Educação Básica, vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.97-112.

SARAIVA, Karla. "A fabricação dos corpos nos *chats*". In: WORTMANN, Maria Lúcia *et al* (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, educação e ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. p. 53-76.

SCHARAGRODSKY, Pablo. "Masculinidades em acción: machos, maricas, subversivos y cómplices. El caso de La educación Física argentina". In: RIBEIRO, Paula [et Al] (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 18-30.

SCOTT, Joan. "Gênero uma categoria útil de análise". *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul.-dez., 1995, p. 71-100.

SIBILIA, Paula. "O corpo modelado como imagem: o sacrifício da carne pela pureza digital". In: RIBEIRO, Paula, SILVA, Méri e GOELLNER, Silvana (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Rio Grande: FURG, 2009. p. 33-42.

_____. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVEIRA, Rosa Hessel. "Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut". In: SOMMER, Luis Henrique e BUJES, Maria Isabel. *Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas, Ed. da ULBRA, 2006. p. 137-150.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.